

A CHARGE “O LAR DE UMA SUFFRAGETTE” E A SÁTIRA AO FEMINISMO NA

REVISTA FEMININA (1917): UMA ANÁLISE DISCURSIVA E ICONOLÓGICA

THE CHARGE “THE HOME OF A SUFFRAGETTE” AND THE SATIRE ON FEMINISM IN THE REVISTA FEMININA (1917): A DISCURSIVE AND ICONOLOGICAL ANALYSIS

Maria Alice Costa da Silva¹

Samara Santos Nina²

RESUMO: A *Revista Feminina* foi uma das mais importantes publicações para mulheres no Brasil do início do século XX. Seu principal propósito era educar as mulheres para os papéis de esposa, mãe e dona-de-casa, definidos como os mais importantes de suas vidas, de acordo com o modelo patriarcal vigente. No presente artigo, analisamos uma charge publicada em 1917, cujo tema é o sufrágio feminino. Como método de análise, utilizamos a Iconologia de Panofsky (2011) e a Análise do Discurso francesa de Pêcheux (1975).

Palavras-chave: análise do discurso; iconologia; feminismo.

ABSTRACT: *Revista Feminina* was one of the most important publications for women in Brazil at the beginning of the 20th century. Its main purpose was to educate women for the roles of wife, mother, and housewife, defined as the most important roles in their lives, according to the patriarchal model of that time. In this article, we analyze a cartoon published in 1917 whose theme is women's suffrage. As a method of analysis, we used Panofsky's Iconology (2011) and Pêcheux's French Discourse Analysis (1975).

Keywords: discourse analysis; iconology; feminism.

¹ Mestranda, UEA.

² Mestre, UEA.

1. INTRODUÇÃO

No século XX, as transformações que afetaram a sociedade brasileira, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, trouxeram crescimento urbano, aumento da população e de suas camadas médias, melhoria no nível de instrução, entre outras modificações. Em parte, tais transformações ocorreram em decorrência da modernização da imprensa que, com maiores tiragens sustentadas pela publicidade, favoreceu e intensificou o hábito de leitura de jornais e revistas.

Um dos periódicos de enorme relevância para a imprensa feminina foi a *Revista Feminina*, publicação elaborada e dirigida parcialmente por mulheres, e inteiramente voltada ao público feminino, criada por Virgínia de Souza Salles, em 1914, e que ocupou um importante espaço no variado universo de periódicos da época. Para Dulcília Buitoni (1986), a imprensa feminina brasileira de meados do século XIX ao início do século XX estava dividida em dois modelos: um composto de revistas que se voltavam à mulher mãe-esposa-dona-de-casa; o outro de revistas voltadas aos direitos e à emancipação da mulher.

A *Revista Feminina* (1914-1936), expoente do primeiro modelo, foi um periódico bastante variado quanto à temática de suas seções, abrangendo temas que vão de moda e culinária a peças teatrais, passando por discussões sobre o comportamento da mulher e orientações sobre as tarefas domésticas. Desse modo, a principal proposta da *Revista Feminina* era criar uma “leitura sã e moral”, voltada à educação doméstica e ao direcionamento do espírito feminino, obedecendo aos padrões definidores de uma “verdadeira” educação da mulher à época. A revista também publicava textos literários de grandes nomes da literatura como José de Alencar e Machado de Assis, bem como de escritoras menos influentes, somado a isso o uso de aspectos gráficos inovadores, com ilustrações encomendadas exclusivamente para suas páginas.

Henrique Fleiuss e Ângelo Agostini eram alguns dos nomes que assinavam as ilustrações do periódico, que conseguiu rápido destaque entre as mulheres da classe dominante.

O contexto histórico e social da época, que envolve a ideologia de classes, é um aspecto importante na análise do gênero discursivo charge, para além do aspecto linguístico. Nesse sentido, a pesquisa tem como fundamentação teórico-metodológica a Análise do Discurso (AD) de linha francesa (PÊCHEUX, 1975), a partir da investigação das condições de produção de um discurso, que busca identificar as formações ideológicas e discursivas ali presentes, levando em consideração os aspectos linguísticos e sociais.

Para uma análise dos aspectos não-verbais da charge, recorreu-se a Iconologia de Erwin Panofsky, utilizada como forma de verificação dos ícones (imagens, pinturas etc.), visto que essa abordagem requer: “(...) [f]amiliaridade com as tendências essenciais da mente humana” (PANOFSKY, 2011, p. 65). Essa verificação se dá através da análise dos significados ou do conteúdo. Nela, usufruímos da história dos símbolos da obra, que nos auxiliam na compreensão dos conceitos de acordo com a sua condição histórica.

A obra em questão é um exemplar de charge que tem por título “O lar de uma suffragette”, publicada no número 42 da *Revista Feminina*, em 1917, ocupando uma página inteira da edição, dividida em cinco quadros, que apresentam ilustrações e textos, representando homens e mulheres no ambiente doméstico. A análise se deu, primeiramente, na descrição e observação dos aspectos gráficos e iconológicos da charge no *layout* da *Revista Feminina*; posteriormente, passou-se à análise dos aspectos discursivos/ideológicos de acordo com a AD. Em ambas as análises, buscou-se verificar de que forma o tema da charge — o sufrágio feminino — é retratado, e a partir de qual perspectiva a *Revista Feminina* se posiciona em relação a este, a partir de sua publicação. Como resultado preliminar, observou-se que o tema é,

essencialmente, representado pelo aspecto caricato e satírico do gênero jornalístico charge, implicando na forma como ele é recebido e tratado pelo público da revista.

2. A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO CHARGE E A ANÁLISE ICONOLÓGICA DOS ASPECTOS NÃO-VERBAIS

A charge é um gênero do discurso, isto é, “um tipo relativamente estável de enunciado” (BAKHTIN, 2003) que obedece a certas características que o identificam, como estrutura, conteúdo temático e estilo; além disso, circula na esfera jornalística e tem como veículos jornais e revistas, impressos ou virtuais. É um gênero misto, de linguagem verbal e não-verbal, mas pode aparecer somente na linguagem não-verbal, e em geral apresenta um tema ou situação de forma crítica, apelando para o humor, a sátira e a ironia. Outro aspecto relevante da charge é a sua ligação direta ao contexto sócio-histórico em que foi produzida, exigindo conhecimento de mundo do leitor, para além do conhecimento linguístico. Segundo Edson Carlos Romualdo (2000, p. 21), “[a] charge, enquanto mensagem icônica, não será recebida nem decifrada se o leitor não possuir informações necessárias para interpretá-la. A charge é um texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal”.

Nesse sentido, importa a investigação de suas condições de produção, para determinar o contexto ou situação aos quais a charge está relacionada. Além disso, apesar do “caráter humorístico (...) ingênuo e despretensioso” (MOUCO, 2007, p. 31), a charge costuma tratar de assuntos relevantes de sua época, com destacado teor político, situando o chargista como um sujeito ideológico. Assim, para Maria Aparecida Tavares Mouco (2007, p. 31), a charge “[c]onstitui uma ferramenta de conscientização, pois ao mesmo tempo em que diverte, informa, denuncia e critica, constitui-se um

recurso discursivo e ideológico”. Isto é, a charge é um gênero utilizado para expor um posicionamento sobre determinado tema, influenciando os leitores a respeito deste.

Por seu aspecto não-verbal, a charge traz diversos elementos que podem ser analisados através do estudo dos símbolos, imagens e ilustrações, como a *iconologia* de Panofsky. A metodologia de análise de imagens de Erwin Panofsky (2011) é composta de três abordagens com objetivos completamente distintos, das quais utilizaremos apenas duas, a *pré-iconográfica* e a *iconológica*. Iniciaremos pela descrição pré-iconográfica, na qual são vistos elementos como linhas, cores e formas, requisitando apenas conhecimentos básicos, como “[r]econhecer a forma e o comportamento dos seres humanos, animais e plantas, e não há quem não possa distinguir um rosto zangado de um alegre” (PANOFSKY, 2011, p. 55). No entanto, tais conclusões fogem ao alcance de nossas experiências, sendo necessário fundamentá-las e considerar o momento histórico, conforme observado por Panofsky (2011, p. 58): “Embora acreditemos estar identificando os motivos com base em nossa experiência prática pura e simples, estamos, na verdade, lendo ‘o que vemos’, de conformidade com o modo pelo qual os objetos e fatos são expressos por formas que variam segundo as condições históricas”.

A *Revista Feminina*, além das seções mencionadas, apresentava algumas páginas voltadas ao humor, através de pequenas ilustrações, utilizando como tema os assuntos que eram de interesse do público naquele momento, como o movimento sufragista, o feminismo, entre outros, de acordo com o viés ideológico do periódico e do público-alvo. Um desses exemplos é a charge publicada no número 42, de 1917, que expõe uma posição crítica e irônica sobre o movimento sufragista, com o uso de ilustrações e texto, conforme Figura 1.



Figura 1— Charge intitulada “O lar de uma suffragette”, publicada em 1917 pela *Revista Feminina*, satirizando o movimento feminista à época. (*Revista Feminina*, Ano 4, Nº 42, novembro de 1917).

Transcrição do texto da charge³:

O LAR DE UMA SUFFRAGETTE...

O marido, depois de arrumar a casa, faz dormir o filhinho.

...Elle vai trocar o seu chinellinho de salto alto e pôr uma fita no cabelo.

...O chá em doce só-à-só⁴. Elle com sua blusa de renda; ella com seu fraque. E' elle a servir enquanto ella lê o artigo político.

³ Transcrição conforme texto original da charge publicada em 1917.

*...Ella vae em seguida para o escriptorio. Elle dá-lhe um beijo de despedida.
...E, ficando só em casa, vai lavar a roupa da familia, emquanto sua mulher, medica,
advogada, engenheira, et cetera estará no escriptorio.*

Podemos observar na charge o título “*O lar de uma suffragete...*”, seguido por cinco quadros. No primeiro, vemos um homem sentado em uma cadeira de balanço, sua linguagem corporal indica que ele segue padrões designados à mulher, assim como sua expressão e adereços, pois ele utiliza sapatos de salto (no entanto, mantém a calça, típica vestimenta masculina), camisa de tecido “bufante”, cabelos bem penteados e lê o livro de “*Elenor Glynn*”⁵ (conforme Figura 2). Ao seu lado, vemos um berço de balanço com um bebê dormindo. O primeiro quadro nos comunica que, no lar da *suffragette*, o homem executa as atividades destinadas anteriormente à mulher, como ficar em casa e cuidar do lar e dos filhos.



Figura 2 — Parte do quadro 1 da charge “*O lar de uma suffragete*”.
(Revista Feminina, Ano 4, Nº 42, novembro de 1917).

No segundo quadro, vemos um homem com traços femininos, utilizando um laço como adereço de cabelo, sugerindo a ideia de que ele não só executará as tarefas domésticas, destinadas às mulheres, mas também herdará seus acessórios, roupas e

⁴ Não encontramos registros atuais para o significado da expressão. No entanto, o contexto sugere a referência a um encontro a dois, ou frente a frente.

⁵ Publicação destinada às leitoras da época, portanto, considerada uma leitura feminina.

hábitos de beleza. O texto ainda sugere o uso do salto alto, já demonstrado no quadro 1, conforme figura 3.



Figura 3 — Quadro 2 da charge “O lar de uma suffragette”.
(Revista Feminina, Ano 4, Nº 42, novembro de 1917).

No terceiro quadro, vemos uma mulher sentada à mesa para o chá, lendo o artigo político no jornal, atividade considerada masculina. Seus traços são exagerados e disformes em comparação com a mulher retratada nas ilustrações da época, sugerindo que a uma *suffragette* falta feminilidade e beleza. Seus cabelos estão presos em um coque, e suas roupas lembram o conjunto de paletó masculino com adaptações que “permitam” que sejam utilizadas por uma mulher, no caso, a saia. No lado oposto da mesa, temos um homem com roupas leves, comumente utilizadas por mulheres no ofício do lar; ele está concentrado em servir uma xícara de chá para a “chefa do lar”. Sua expressão corporal, como a cabeça baixa, indica subserviência, típico comportamento esperado de uma mulher, enquanto ela apresenta altivez.



Figura 4 — Quadro 3 da charge “O lar de uma suffragette”. (Revista Feminina, Ano 4, Nº 42, novembro de 1917).

No quarto quadro, vemos novamente uma mulher em trajés “masculinizados”, vestindo paletó adaptado com saia, chapéu masculino e óculos, indicando estar de saída para o trabalho fora de casa, atividade antes realizada apenas por homens. Um homem é representado ao lado, dando-lhe um beijo de despedida no rosto, vestindo avental e sapatos de salto, assim como uma mulher é comumente retratada ao executar os serviços do lar nas ilustrações da época. Podemos ver também que os traços da mulher são caricatos e exagerados, de modo pouco feminino (segundo o modelo amplamente retratado). Isso nos transmite a ideia de que as mulheres que representam papéis designados aos homens não correspondem aos padrões estéticos impostos pelo sistema patriarcal. São eles: o corpo magro, esbelto, o uso de acessórios e roupas que dão ênfase às formas de seu corpo, sua pele e cabelos bem cuidados e soltos. Na expressão corporal, a mulher indica pressa ou impaciência com o beijo do marido, enquanto o homem demonstra certa devoção e submissão à mulher durante o beijo.



Figura 5 — Quadro 4 da charge “O lar de uma suffragette”. (Revista Feminina, Ano 4, Nº 42, novembro de 1917).

No quinto e último quadro, vemos um homem de avental com um grande laço, usando também sapato de salto, desta vez, ao lado de um cesto de roupas recém lavadas, estendendo-as no varal. A imagem sugere que o homem não só permanece em casa enquanto sua mulher trabalha fora como médica, advogada ou engenheira (profissões, à época, estritamente destinadas ao homem), mas também executa os serviços do lar com a mesma maestria que uma mulher executaria, sendo capaz não só de realizar todas as tarefas do lar, mas também de cuidar dos filhos. É possível chegar a essa conclusão, ao notar, no canto direito do quadro, um cercadinho com um bebê dentro, também aos cuidados do homem. Sua expressão corporal sugere trejeitos delicados, considerados femininos, ao espremer as roupas do cesto.



Figura 6 — Quadro 5 da charge “O lar de uma sufragette”. (Revista Feminina, Ano 4, Nº 42, novembro de 1917).

Na segunda parte da análise, teremos a interpretação iconológica que, conforme Panofsky, é chamada de “intuição sintética”. Essa requer a “familiaridade com tendências essenciais da mente humana” (2011, p. 65). Assim sendo, esse método de análise (como qualquer outro) não garante conclusões exatas e, por isso, devemos acessar a história e os fenômenos culturais que definem o significado desses objetos, tornando possível o entendimento de aspectos sincrônicos e diacrônicos pelos conceitos definidos de acordo com a história.

A iconologia é, portanto, um método “[d]e interpretação que advém da síntese mais do que da análise. Assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica.” (PANOFSKY, 2011, p. 54).

Desse modo, ela corresponde à investigação da gênese e o significado das imagens figurativas, estudando, conforme Panofsky (2011, p. 54), a interação entre os diversos tipos, como “[a] influência das ideias filosóficas, teológicas e políticas; os propósitos e inclinações dos artistas e patronos; a correlação entre os conceitos

inteligíveis e a forma visível que assume em cada caso específico”. Podemos afirmar, então, que “[o] método se trata de desvendar o contexto histórico e social da imagem, bem como avaliar sua dimensão cultural e ideológica, uma vez que a iconologia atua no campo das interpretações.” (NINA, 2022, p. 119).

Nesta perspectiva, observamos que a charge publicada em 1917 retrata o momento em que as únicas funções designadas às mulheres eram as de dona-de-casa, mãe e esposa, e que elas deveriam se ater ao seu papel inferior e submisso ao homem e executar suas tarefas domésticas com maestria e orgulho. Ao mesmo tempo, neste momento, em outros lugares do mundo, as manifestações sufragistas estavam em alta, era a luta das mulheres pela conquista de direitos igualitários, como o voto (aqui podemos notar os reflexos dos primeiros ecos do feminismo no Brasil). É importante frisar que a *Revista Feminina* não endossava esse tipo de manifestação das mulheres, por isso, vemos o retrato do seu posicionamento a respeito do tema, na forma satírica retratada na charge, insinuando que cenas como aquelas, postas como completamente absurdas, seriam comuns caso as mulheres conquistassem os mesmos direitos que os homens. Como numa inversão prejudicial dos valores, em que os homens perderiam sua posição de poder e prestígio na sociedade, ficando em outra inferior (a das mulheres).

O livro apresentado no primeiro quadro da charge e que está sendo lido pelo homem na cadeira de balanço, com o título “Elenor Glynn”, se refere a Elinor Glyn (1864-1943), romancista inglesa pioneira em ficção erótica para mulheres (BRITANNICA, 2022). A escritora é conhecida por cunhar o uso da expressão “it”, forma moderada de se referir à sexualidade ou desejo sexual feminino. Essa referência nos leva a crer que esse tipo de leitura era estritamente feminino e, de certo modo, proibido, visto que se realizava na particularidade e solidão do lar. A charge reforça isso ao mostrar que o homem lê estando sozinho em casa, como a mulher faria. A

presença do livro mostra que, além de executar as atividades domésticas, não se deveria deixar o lazer de lado, desde que usufruído no próprio lar.

Em suma, o homem retratado na charge está cumprindo a função feminina de mãe, a responsável pelo cuidado dos filhos, do marido e do lar — funções que eram o destino permitido e almejado pela mulher casada — já que a função do pai era ser o provedor da família, trabalhando fora de casa e retornando ao lar ao fim do dia, enquanto a mãe desempenha a função masculina de pai, trabalhando fora e se isentando das tarefas do lar. Para a *Revista Feminina*, a mãe é vista também com a função de única responsável pela educação dos filhos (NINA, 2022). A ideia de mãe educadora está presente em inúmeros artigos da *Revista Feminina*, reforçando a responsabilidade desta na educação e no destino de seus filhos, ensinando-os de acordo com os diferentes papéis sociais impostos para homens e mulheres. Com isso, obtemos os aspectos iconográficos e iconológicos da charge, no contexto de sua produção. A seguir, partimos para a análise discursiva/ideológica a partir da Análise do Discurso.

3. A AD, AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO E A SÁTIRA AO MOVIMENTO FEMINISTA

A Análise do Discurso teve sua fundação na França, nos anos 1960-70, através de Michel Pêcheux, um filósofo envolvido em debates acerca do marxismo, da psicanálise, da epistemologia e, posteriormente, da linguística (COURTINE, 2009; MUSSALIM, 2012; MALDIDIER, 2017). Para Pêcheux, de acordo com Denise Maldidier (2017, p. 16), o discurso parece não um objeto primeiro ou empírico, mas sim, um entrelaçamento, pois ele é “[o] lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. Nesta mesma época, Pêcheux vai se aprofundar a respeito dos *aparelhos ideológicos de estado* propostos

por Louis Althusser, em 1970, em seu famoso artigo “Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas a uma pesquisa)”. A importância de Althusser é evidente não apenas para Pêcheux, pois, neste momento “[e]le trazia instrumentos intelectuais a todos que trabalhavam sobre as práticas sociais” (MALDIDIER, 2017, p. 35).

Os aparelhos ideológicos permitiam pensar a materialidade das ideologias, observando o próprio funcionamento das instituições, a partir da reprodução das condições de produção pela classe dominante burguesa, no âmbito de suas práticas sociais. A teoria da *interpelação*, de Althusser, propunha uma nova categoria de sujeito, o *sujeito da ideologia*. O *discurso* não poderia deixar de ser pensado através desse viés que tanto fazia sentido para Pêcheux. Com suas elaborações sobre o discurso e a assimilação do sujeito ideológico, Pêcheux distancia-se da ideia de sujeito individual, tomado por diversas teorias, e pensa o sujeito não mais como uma unidade e sim como dependente das coerções de uma formação ideológica e discursiva.

De acordo com Fernanda Mussalim (2012, p. 156): “O sujeito discursivo ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social (...) que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali”. Isto significa que este sujeito é submetido à determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso. (MUSSALIM, 2012, p. 156).

É na apreensão do “processo discursivo” e no “processo de produção do discurso” que trabalha a *análise automática do discurso* proposta por Pêcheux. Para isso, ele propõe a noção de “circunstâncias” de um discurso e, assim, o conceito de *condições de produção* (doravante CP) é estabelecido em AD, reformulado a partir do conceito utilizado na psicologia social e derivado do marxismo. De acordo com Maldidier (2017, p. 23), “[a] referência às condições de produção designava a concepção central do discurso *determinado* por um ‘exterior’, como se dizia então, para evocar tudo o que, fora a linguagem, faz que um discurso seja o que é: o tecido histórico-social que o constitui”.

Para Pêcheux é impossível analisar um discurso como uma unidade ou um texto, pois é necessário relacioná-lo ao conjunto de discursos possíveis, e somente a partir da definição das suas condições de produção isto é possível. São elas também que irão definir a construção do *corpus*, isto é, o conjunto de discursos, enunciados ou sequências discursivas que se pretende analisar em relação a determinado contexto sócio-histórico e a determinados sujeitos produtores. Assim, podemos afirmar que a AD investiga, com o objeto discurso, o *sentido* nas “[r]elações de contradição, antagonismo, aliança, absorção... entre formações discursivas que pertençam a formações ideológicas diferentes [...]” (COURTINE, 2009, p. 33).

A *formação discursiva* (doravante FD) determina o que pode e deve ser dito pelos sujeitos (PÊCHEUX, 2011), nesse sentido, ela é um *conjunto de enunciados* sendo repetidos e parafraseados (PÊCHEUX, 1988). Essa determinação diz respeito às palavras que podem e devem ser usadas (e as que não podem e não devem) e às construções em que essas palavras se combinam (ou seja, os enunciados em que essas palavras entram), o que implica que as outras palavras a serem combinadas com ela em um enunciado também são regradas.

Nesse sentido, sob o ponto de vista da AD francesa, podemos dizer que os textos produzidos pela imprensa, por meio dos gêneros jornalísticos, como a charge, são vinculados ao processo de produção-reprodução das ideologias em dada sociedade, uma vez que não só são um lugar de materialização de discursos diversos, os quais, por sua vez, ligam-se a formações ideológicas também diversas (geralmente unificadas pela ideologia da classe dominante) (Cf. ALTHUSSER, 1970; PÊCHEUX e FUCHS, 1997), mas também têm ampla disseminação social e sustentam, desse modo, posicionamentos ideológicos sobre diversos assuntos discutidos pela sociedade, dentre eles, o feminismo e os papéis sociais de homens e mulheres. Para esta vertente da AD, o que é dito no discurso (intradiscurso) é determinado não só pelas condições

de produção, mas também pelo já-dito em outro lugar, isto é, em outro(s) discurso(s), e independentemente (interdiscurso) (Cf. PÊCHEUX, 1988).

Partindo para a análise das condições de produção da charge “O lar de uma sufragette” (1917), podemos defini-las a partir do contexto em que os enunciados são produzidos para serem veiculados na *Revista Feminina*. Conforme Eni Orlandi (2020, p. 28-29), temos, ao menos, dois contextos; assim “[p]odemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”.

O contexto de produção imediato envolve a existência da imprensa no Brasil, em especial a *imprensa das mulheres*, que viria a permitir que periódicos como a *Revista Feminina* ganhassem espaço e um grande público ao longo dos anos, possibilitando, assim, a veiculação de um texto jornalístico e humorístico, como a charge, para um público específico: as mulheres de classe média e alta da sociedade brasileira. Neste período, diversos periódicos voltados aos interesses das mulheres surgiram e se estabeleceram, alguns definidos como *femininos*, tratando de temas como o lar, o matrimônio, os filhos, a beleza, a saúde e a educação doméstica da mulher; outros, *feministas*, falavam sobre os direitos sociais e políticos das mulheres, dentre outras reivindicações (TELES, 2017; NINA, 2022).

O contexto de produção amplo da charge se dá durante o momento do surgimento e estabelecimento do *Feminismo*, enquanto levante popular inovador e questionador, em uma sociedade predominantemente conservadora. O movimento em questão é o sufrágio feminino, que teve início no final do século XIX, com a reivindicação das mulheres pela participação ativa na política, bem como para serem reconhecidas como cidadãs, a fim de conquistarem o direito ao voto e de serem votadas.

O movimento se consolidou no Reino Unido, em 1903, com a *Women's Social and Political Union (1903-1917)* — União Social e Política das Mulheres —, organização criada por Emmeline Pankhurst e suas três filhas, Christabel Pankhurst, Sylvia Pankhurst e Adela Pankhurst. As manifestantes do movimento sufragista passaram a ser denominadas *suffragettes*, termo cunhado como forma pejorativa e que foi utilizado pela primeira vez neste teor, em 1906, pelo jornalista Charles E. Hands, no jornal britânico *Daily Mail*. As seguidoras de Pankhurst passaram a adotar o termo para se diferenciarem das manifestantes mais moderadas (ESCOBAR, 2016).

Assim, as *suffragettes* não eram as únicas mobilizadas pelo direito ao voto, as demais apoiadoras do movimento eram chamadas de sufragistas. A partir desse momento, se faz nítida a diferença do estilo de militância das *suffragettes* e sufragistas, as últimas sempre bem-organizadas, tendo a mídia a seu favor e seguindo de acordo com a opinião pública, com vestimentas padronizadas em passeatas, possuíam até um periódico próprio. Já as *suffragettes* eram malvistas, por conta de suas ações consideradas violentas, com métodos populistas em manifestações e greves de fome (BEARMAN, 2005). Os atos das *suffragettes*, que por vezes envolviam forças de contenção, tiveram repercussão internacional e resultaram não só na quebra de sua organização, mas também no repúdio da opinião pública. Apesar de serem a face mais conhecida do movimento, responsáveis por grande visibilidade à causa, suas táticas conflituosas geraram mais oposição do que benefícios (VIANNA, 2017).

Os movimentos europeus e norte-americanos rapidamente influenciaram as mulheres brasileiras e latino-americanas a irem em busca dos seus direitos políticos e sociais. Segundo Teles (2017, p. 51), “[d]urante esse mesmo período, houve um movimento pelo voto que agrupou parcela expressiva de mulheres. Pertencentes à classe média e à classe dominante, abraçavam uma causa comum às mulheres de diversos países (...)”. Assim, o sufrágio feminino ganhou força no Brasil e, em 1910, já possuía organizações próprias, como o Partido Republicano Feminino, fundado pela

professora Deolinda Dalho. “Em 1917, ela promoveu uma passeata com quase cem mulheres pelo direito ao voto” (TELES, 2017, p. 51).

Assim, o movimento pelo sufrágio feminino reunia, em sua maioria, mulheres da classe dominante, isto é, mulheres de condição social abastada, pertencentes às classes médias e altas das sociedades e, em geral, brancas, enquanto as mulheres negras e as operárias lutavam pela sobrevivência de sua família e contra a dupla exploração, no trabalho que já desempenhavam nas fábricas ou em outro serviço remunerado e no lar (TELES, 2017). Embora fossem um marco inicial, as sufragistas não abraçavam suas causas, originando, assim, uma lacuna no movimento para a emancipação das mulheres, que só viria a ser preenchida décadas depois, com o movimento feminista interseccional, que englobava raça e classe. No entanto, eram elas, as sufragistas e *suffragettes*, a cara do feminismo nesta época e, portanto, a mídia e as diversas críticas ao movimento estavam voltadas a essas mulheres.

Nesse sentido, podemos dizer que os discursos que circulavam em periódicos como a *Revista Feminina* eram reproduzidos por mulheres e homens da classe dominante e destinados às mulheres dessa mesma classe, que possuíam maior instrução e certa posição privilegiada em relação às demais mulheres. Embora, em relação aos homens, permanecessem em posição inferior, não sendo, ao menos, consideradas cidadãs (TELES, 2017).

Na análise dos discursos reproduzidos na charge sob escrutínio, vemos palavras e expressões típicas da época em que foram escritas, numa articulação entre os pronomes pessoais “*elle* e *ella*”, dando ênfase às atividades que o homem e a mulher estão desempenhando, buscando assim definir o que seriam aquelas destinadas a cada um. Entretanto, como se trata de uma sátira, em que as situações estão descritas de forma irônica, notamos a inversão das tarefas. Como no enunciado: “*Elle com sua blusa de renda; ella com seu fraque*”, descrevendo o homem trajando uma vestimenta típica feminina, a blusa de renda, e ela, uma vestimenta típica masculina, o fraque,

equivalente a uma casaca diurna. Ou no enunciado: “*elle a servir enquanto ella lê o artigo político*”, em que, mais uma vez, o homem e a mulher trocam de papéis, uma vez que o artigo político no jornal só podia interessar ao homem e o ato de servir o chá seria destinado somente à mulher. Além dos demais enunciados que enfatizam o homem em casa, executando as tarefas do lar, e a mulher saindo para o escritório.

Pela perspectiva da AD, o discurso representado na charge advém de uma FD conservadora e patriarcal em relação de oposição e contradição a uma FD feminista e inovadora. Para a FD conservadora, os papéis sociais de homens e mulheres serão trocados, invertidos, sem negociação. Caso o feminismo seja amplamente aceito, o homem fará as atividades femininas, o que é colocado como vergonhoso, de forma caricata, pois ele se torna inferior e submisso à mulher. Segundo a charge, para um homem isso não é bom, mas para uma mulher não é problema, afinal, tudo isso a define enquanto pertencente ao gênero feminino, bem como a mulher executando tarefas fora de casa, típicas do homem, deixa de lado o lar e os filhos e, assim, também deixa de ser feminina, como é reforçado na sua aparência.

Segundo a FD conservadora, o feminismo quer a superioridade em vez da igualdade, a mulher retratada deseja ser superior ao homem e rebaixá-lo. Não há a possibilidade de negociação, em que ambos possam fazer as duas coisas, ou revezar as atividades, em que homem e mulher cuidem juntos do lar, dos filhos e do trabalho fora. Ou seja, o feminismo não é visto como uma questão de igualdade de direitos e deveres, mas, sim, de superioridade de um gênero sobre o outro. Em contrapartida, essa é a crítica do feminismo ao sistema vigente, em que os homens são colocados em posições superiores às mulheres na sociedade.

Desse modo, a FD conservadora retrata o feminismo como uma ofensa e, ao mesmo tempo, critica as mulheres feministas e alerta as não feministas, procurando afirmar e manter o *status-quo*, dizendo-lhes que a mulher não deve questionar sua condição, mas, sim, aceitá-la, uma vez que a sociedade já está definida assim. A crítica

séria vem na forma do humor, buscando ridicularizar quem se identifica como *suffragette*, pois existe a feminista moderada, a sufragista. O lar é específico de uma *suffragette*, ou seja, da feminista radical. Portanto, através da FD conservadora, a ideologia dominante (patriarcal e capitalista) está dizendo para as mulheres qual é o lugar delas, natural e aceito socialmente: realizando um trabalho não-remunerado, sozinha, em casa, como doméstica, mãe e professora, sem questioná-lo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada buscou investigar os discursos sustentados pelos sujeitos ideológicos, situados em determinado tempo histórico, através de um texto do gênero jornalístico, a charge, misto de linguagem verbal e não-verbal, produzido por esses sujeitos, e que circulou em um veículo também relacionado à determinada época. O texto em questão é a charge “O lar de uma *suffragette*”, publicado no periódico brasileiro *Revista Feminina*, em 1917, início do século XX, período em que houve grandes transformações na sociedade.

A partir das análises realizadas, com base na fundamentação teórico-metodológica da Iconologia e da Análise do Discurso, foi possível observar o papel desempenhado pela *Revista Feminina* na reprodução e fomentação de discursos conservadores que circulavam na época de sua publicação, em especial, contra as manifestações feministas das mulheres, que já ocupavam espaço na mídia e na opinião pública.

A ironia na charge funciona a partir da associação das imagens com o texto, evidenciando a naturalização dos papéis atribuídos a homens e mulheres e mobilizando efeitos de sentido relacionados ao que se espera ou não de ambos, quando explora a obviedade e o absurdo nas tarefas desempenhadas por eles. Estes

discursos demonstravam a tentativa de frear possíveis mudanças sociais anunciadas pelas ações das feministas.

Assim, os discursos veiculados em textos da *Revista Feminina*, advindos de uma FD conservadora, alinhada à ideologia dominante, estavam em relação de oposição aos discursos de uma FD feminista, vista, naquele momento, e ainda hoje, mais de cem anos depois, como uma ameaça ao *status-quo*. A investigação diacrônica se mostrou, desse modo, de suma importância, uma vez que elucida os fenômenos que reverberam ainda no presente.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1970.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEARMAN, Christopher J. *An examination of suffragette violence*. *The English Historical Review*, v. 120, nº 486, p. 365-397, 2005.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Elinor Glyn*. Encyclopaedia Britannica, 2002. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Elinor-Glyn>. Acesso em: 4 mar. 2022.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

ESCOBAR, Ana. *Suffragette vs. Sufragista*. *Women On Movies*, 2016. Disponível em: <https://womenonmovies.wordpress.com/2016/10/14/suffragette-vs-sufragista/>. Acesso em: 4 mar. 2022.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2017.

MOUCO, Maria Aparecida Tavares. *Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MUSSALIM, Fernanda. “Análise do Discurso”. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. V. 2. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 113-161.

NINA, Samara Santos. *Representações e discursos sobre feminilidade na Revista Feminina (1917-1929)*. 204 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) — Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes, Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2022.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 13ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. Trad. Maria Clara F. Kneese e Jaime Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 3ª ed., 2011.

PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (org.). *Legados de Michel Pêcheux*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 63-76.

____; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (org.). GADET, Françoise; HAK, Tony (trad.) MARIANI, Bethania S. et. al. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

O LAR de uma suffragette. *Revista Feminina*, São Paulo, ano 4, n. 42, nov. 1917, p. 24.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Editora Alameda, 2017.

VIANNA, Cynthia Semiramis Machado. *A reforma sufragista: marco inicial da igualdade de direitos entre mulheres e homens no Brasil*. 240 f. Tese (Doutorado em Direito) — Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2017.

Recebido em: 07/03/2022

Aceito em: 15/08/2022